

# Polaroid

para o Dany

Lendo o Grundrisse: mais no maravilhamento de perpassar – em descoberta infinita – o feito singularíssimo de pensar do grande homem, suas anotações mais dizendo a cada vírgula o curso do raciocínio e o luzidio ajuntamento de dados para a grande equação, e chegava a estas linhas: “... produção consumptiva – muito embora seja uma unidade imediata de produção e consumo – é essencialmente distinta da produção propriamente dita. A unidade imediata em que a produção coincide com o consumo e o consumo com a produção mantém a sua dualidade imediata<sup>1</sup>”.

Como um raio.

Estatelado

E vi como em sonho, o escrito na caiadura da parede, não que tenha sonhado, mas como se escrito por extenso sob meus olhos, acudiu-me a ideia plena inscrevendo-se em minha consciência: A dialética – para ser dialética – tem também a energia de sua oposição natural; A dialética tem como pólo oposto: a DUALIDADE. A imediata, mesmo a mediata e quantas couberem por turnos de necessidades.

Como um raio.

Quantas vezes desde miúdo me desaprovaram – desde o alto – com a argumentação de que o que eu dizia era – com desprezo (deles) – pura “dualidade”! Nem mesmo ponderavam a mais imediata das dualidades, a dualidade imediata. Pois.

E não por menos: alentou W. Benjamim: “é possível imaginar o contraposto dessa aparelhagem na filosofia. A vitória está sempre reservada ao boneco a que se chama “materialismo histórico”. Pode desafiar qualquer um se tiver a seu serviço a teologia, que, como se sabe, hoje é pequena e feia e, assim como assim, nem pode aparecer à luz do dia<sup>2</sup>”. A dualidade pode ser um desafio se tiver a seu serviço a dialética; a dialética pode ser vitoriosa: servida do préstimo da dualidade.

*Willy Corrêa de Oliveira*  
São Paulo, 13 de março de 2017

---

<sup>1</sup> Grundrisse: Boitempo Editorial, 2011. O fragmento citado encontra-se na pg. 46.

<sup>2</sup> De *O anjo da História*.